

## VISUALIDADES NO ESPAÇO URBANO: ARTE E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Gabriela Santos Alves*<sup>1</sup>

*Alice Soares Do Valle*<sup>2</sup>

*Sthefany Duhz Cavaca*<sup>3</sup>

*Yuena Plotegher Pelisson*<sup>4</sup>

### Resumo

O enfrentamento à violência contra a mulher é um dos grandes desafios de nossa época. Se por um lado os casos de feminicídio, agressões e abusos têm hoje repercussão midiática expressivamente maior do que casos semelhantes tinham há uma década, por outro percebe-se que essa cobertura, em especial a jornalística, ainda investe na construção de um discurso expositivo, não problematizador e, em vários casos, culpabilizador sobre a mulher e a violência sofrida. Nosso objetivo neste artigo é apresentar a produção artística de mulheres na cidade de Vitória/ES que, na contramão dessa construção midiática não problematizadora, propõem em seus trabalhos no espaço urbano da cidade, ações e reflexões que contribuem para o enfrentamento à violência de gênero na cidade.

**Palavras-chave:** *Violência contra a mulher; Enfrentamento; Artistas mulheres; Espaço urbano; Vitória/ES.*

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Pós doutora em Comunicação e Cultura (Eco-UFRJ). Email: gabriela.alves@ufes.br

<sup>2</sup> Departamento de Comunicação Social, Aluna do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: alice-valle@hotmail.com

<sup>3</sup> Departamento de Comunicação Social, Aluna do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: duhzcavaca@gmail.com

<sup>4</sup> Departamento de Comunicação Social, Aluna do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: yvenaplotegher@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e em especial o espaço urbano do seu centro histórico, é nosso objeto de estudo neste artigo, dada sua relevância não apenas como a capital brasileira com maior taxa de feminicídios, mas também como palco urbano de debate e enfrentamento por artistas mulheres a um contexto de violência de gênero e opressão patriarcal.

A ideia de estudar as artes visuais urbanas deu-se após um trabalho acadêmico intitulado “Espalhando Feminismo”, que foi realizado pela colagem de cartazes com frases relacionadas às temáticas femininas em diversos pontos da cidade. Foram observadas as mais diferentes reações durante e após essa colagem, tanto positivas quanto negativas. O importante foi perceber que é possível causar impacto direto na população por meio desse tipo de trabalho, já que as mensagens estavam direcionadas às formas cotidianas de violência contra a mulher, como relacionamento abusivo, por exemplo.

O que moveu a realização do “Espalhando Feminismo” foi também a vontade de propor uma narrativa diversa àquela que em geral é construída pela mídia massiva, principalmente a jornalística, calcada na culpabilização da mulher que sofre violência. O tema é uma problemática social que tem sido pauta da agenda midiática recentemente. Casos de feminicídio, agressões e abusos têm, hoje, repercussão expressivamente maior do que casos semelhantes tinham há uma década. Entretanto, a maior exposição desses casos não significa que haja uma melhora no debate a respeito do tema. As notícias a respeito de casos de violência contra a mulher são quase sempre factuais e trabalham apenas com a exposição do ocorrido, sem problematizar ou estimular um debate acerca do tema.

Percebemos o patriarcado como uma estrutura social e cultural excludente e que constrói práticas cotidianas a fim de favorecer sua perpetuação, e por consequência, as relações desiguais entre os gêneros, estabelecidas muitas vezes a partir de situações de violência, física e/ou simbólicas, contra as mulheres. Na luta pelo fim dessas desigualdades e discriminações, o feminismo constrói-se como um empenho ético e um movimento social que objetiva evidenciar as múltiplas formas em que essas práticas, ao que comumente chamamos de machismo, se entrelaçam e se reforçam mutuamente: leis, costumes, universo simbólico, instituições, categorias conceituais, organização econômica, mensagens midiáticas, novelas, filmes e etc (MONTEIRO, NAVARRO, 2002). O feminismo é, portanto, a luta por um direito humano universal e nosso empenho neste trabalho é evidenciar como artistas mulheres tem criado narrativas urbanas diversas às propostas pela mídia

tradicional com o intuito de contribuir ao enfrentamento à violência contra a mulher em Vitória/ES.

## DADOS E ESTATÍSTICAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL E NO ESPÍRITO SANTO

O Brasil é um dos países que mais se destaca no âmbito da violência contra a mulher, posicionando-se em 5º lugar pelo ranking da ONU. Segundo registros do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), entre 1980 e 2013 morreram um total de 106.093 mulheres, vítimas de homicídio no país. Algumas medidas foram adotadas para a melhora desse quadro, como é o caso da criação das Delegacias Especializadas de Violência Contra a Mulher (DEAMs) em 1985, a instituição da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) em 2006, e em 2015 a sanção da Lei do Feminicídio (Lei 13.104/2015).

Dentre esses três marcos, destaca-se a Lei Maria da Penha, que tem como objetivo proteger as vítimas de violência doméstica. A Lei, reconhecida pela ONU como uma das melhores legislações do mundo na questão da violência de gênero, estabelece que a violência contra a mulher se dá de diversas formas, não apenas no que diz respeito a agressão física mas também por meio de agressões patrimoniais, morais, sexuais e psicológicas.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) lançado em março de 2016, desde que a Lei Maria da Penha entrou em vigor houve uma diminuição de 10% na taxa de homicídio contra mulheres em suas casas. Entretanto, o número de casos de violência no Brasil ainda é alarmante: entre 2003 e 2013 houve um aumento de 21% no número de vítimas de feminicídio, segundo dados do Mapa da Violência de 2015. É importante ressaltar, ainda, que uma parte considerável desses crimes ocorre em ambiente domiciliar, sendo 27,1% dos assassinatos ocorridos dentro de casa.

A partir de dados do Atlas da Violência de 2017, destaca-se a diferença dos dados de mortes de mulheres negras e não negras. Entre 2005 e 2015 houve uma redução de 7,4% no número de morte de não negras, ou seja, 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres. Já a mortalidade de mulheres negras nesse mesmo período teve um aumento de 22%, chegando a 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres. Em um panorama geral, 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil em 2015, eram negras. O Espírito Santo lidera esse ranking com 9,2 homicídios de mulheres negras a cada 100 mil.

Tabela do Atlas da Violência de 2017 que mostra que o Espírito Santo possui a maior taxa de homicídio de mulheres negras do país

**Tabela 6.3 - Taxa de homicídio de mulheres negras por Unidade da Federação – Brasil, 2005 a 2015**

	Taxa de Homicídio por 100 Mil Mulheres											Variação %		
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2005 a 2015	2014 a 2015	2010 a 2015
Brasil	4,3	4,6	4,3	4,6	4,9	5,2	5,3	5,5	5,4	5,4	5,2	22,0%	-4,1%	0,5%
Acre	3,2	3,3	3,7	1,9	2,4	5,0	4,1	5,2	10,4	5,4	4,7	45,5%	-13,1%	-5,7%
Alagoas	4,5	6,6	6,2	6,4	8,1	8,8	9,7	9,7	9,5	9,8	7,2	59,9%	-27,0%	-18,7%
Amapá	5,6	4,3	3,6	5,1	4,2	5,5	6,0	5,2	5,6	6,7	4,5	-20,0%	-33,0%	-18,9%
Amazonas	3,2	2,7	3,4	4,3	4,4	4,4	4,9	6,5	5,1	4,4	6,4	102,8%	45,2%	45,5%
Bahia	2,9	3,5	3,7	4,5	5,0	6,2	6,3	6,1	6,0	5,2	5,3	81,1%	1,7%	-14,5%
Ceará	1,7	2,4	3,0	2,6	2,7	3,8	3,7	3,7	4,1	4,6	4,8	190,0%	4,3%	27,6%
Distrito Federal	4,7	5,5	5,7	7,6	7,9	6,5	7,9	7,7	8,3	5,6	5,1	8,4%	-8,8%	-20,7%
Espírito Santo	8,6	10,3	11,3	12,4	14,5	12,0	9,6	12,2	11,1	9,3	9,2	7,0%	-1,4%	-23,6%
Goiás	5,2	5,7	4,8	6,1	6,5	7,1	10,2	9,1	10,2	10,8	8,7	67,1%	-19,3%	22,1%
Maranhão	2,1	2,5	2,1	2,8	2,7	3,9	4,3	3,6	4,0	4,5	4,2	97,0%	-7,4%	6,0%
Mato Grosso	6,0	4,7	6,3	6,7	6,1	5,9	6,5	6,6	6,0	7,5	8,4	40,5%	10,9%	41,5%
Mato Grosso do Sul	5,6	4,3	4,9	3,7	4,2	6,4	6,8	7,2	5,9	6,5	5,4	-4,6%	-17,1%	-16,4%
Minas Gerais	4,1	4,5	4,7	4,1	4,4	4,7	5,2	5,3	4,7	4,4	4,5	8,5%	2,0%	-4,8%
Pará	3,7	4,3	4,1	4,9	5,2	6,7	5,2	6,6	6,1	7,1	7,3	98,7%	3,6%	9,7%
Paraíba	3,9	4,3	4,6	6,5	6,9	8,0	9,6	9,1	8,2	7,7	6,6	70,4%	-14,2%	-18,3%
Paraná	3,9	3,7	2,8	3,9	4,0	3,4	3,5	4,3	3,5	3,7	2,9	-23,9%	-20,2%	-13,5%
Pernambuco	8,3	9,3	9,0	8,9	8,9	6,9	7,6	6,1	7,2	6,5	6,2	-25,8%	-4,5%	-9,8%
Piauí	2,4	2,4	2,0	2,6	1,8	2,3	2,3	3,2	3,0	4,1	4,4	79,4%	7,0%	90,6%
Rio de Janeiro	7,5	7,3	6,1	6,0	5,2	5,0	5,4	5,1	5,4	6,3	5,0	-32,7%	-20,4%	0,0%
Rio Grande do Norte	2,7	2,7	2,6	4,8	3,7	5,1	5,8	4,6	5,8	6,9	7,2	163,7%	5,3%	41,0%
Rio Grande do Sul	2,6	3,1	3,1	3,1	3,6	3,8	2,1	3,7	3,1	4,6	5,1	99,1%	11,1%	34,0%
Rondônia	6,1	6,5	3,9	4,1	6,6	4,4	6,0	6,8	5,2	6,5	8,2	33,8%	27,4%	87,4%
Roraima	6,3	1,9	6,3	3,1	7,5	5,7	5,7	4,0	8,0	5,5	5,2	-16,6%	-4,8%	-7,8%
Santa Catarina	1,7	4,2	1,6	2,1	2,0	3,6	1,2	3,7	3,3	4,3	4,0	133,4%	-5,9%	10,7%
São Paulo	4,1	3,9	2,8	2,8	3,2	3,1	2,4	3,3	2,8	2,7	2,4	-41,3%	-11,8%	-20,6%
Sergipe	3,1	3,2	2,8	2,9	2,8	4,6	6,1	6,1	6,0	7,8	7,6	141,9%	-3,2%	64,6%
Tocantins	3,2	3,6	5,1	3,3	4,5	5,8	7,0	7,1	5,5	5,0	6,9	115,1%	36,6%	17,3%

Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e IMS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Observação: Os números de mulheres negras foi obtido somando pardas e pretas, enquanto as não-negras se deu pela soma das brancas, amarelas e indígenas, todos os ignorados não entraram nas contas. Elaboração Diest/Ipea

Não obstante, o Espírito Santo é um dos estados brasileiros com maior índice de violência contra a mulher. De acordo com o Atlas da Violência de 2017, o estado está em quarto lugar nas taxas de mortalidade: são 6,9 mortes a cada 100 mil mulheres, ficando atrás apenas de Roraima, Mato Grosso e Goiás. No Mapa da Violência de 2017, o Espírito Santo aparece como o quarto estado que mais mata mulheres no Brasil.

**Tabela 6.2 - Taxa de homicídio de mulheres por Unidade da Federação - Brasil, 2005 a 2015**

	Taxa de Homicídio por 100 Mil Mulheres											Variação %		
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2005 a 2015	2014 a 2015	2010 a 2015
Brasil	4,1	4,2	3,9	4,1	4,3	4,4	4,4	4,6	4,6	4,6	4,4	7,3%	-5,1%	-1,5%
Acre	3,9	4,5	5,2	3,7	4,4	5,2	4,8	4,2	8,2	5,1	4,7	22,2%	-6,3%	-8,1%
Alagoas	4,6	6,7	6,7	5,1	6,7	8,2	8,2	7,8	8,2	7,3	5,4	17,2%	-25,2%	-33,7%
Amapá	4,9	4,2	3,7	4,0	3,6	4,7	5,4	4,6	5,1	5,3	4,7	-5,7%	-12,2%	-0,5%
Amazonas	3,0	3,2	3,1	3,6	3,8	3,6	4,4	6,3	5,0	4,1	5,9	98,6%	43,5%	64,1%
Bahia	2,9	3,3	3,4	4,3	4,6	5,8	5,8	5,7	5,5	4,9	4,9	65,1%	-1,1%	-16,2%
Ceará	3,4	3,2	2,9	2,7	3,1	3,9	4,2	4,8	6,1	6,3	5,6	64,6%	-10,8%	43,7%
Distrito Federal	3,8	3,9	4,3	4,8	5,6	4,8	5,6	5,4	5,2	4,1	3,8	-1,1%	-7,7%	-21,4%
Espírito Santo	8,4	10,3	10,2	10,3	11,6	9,2	8,6	8,5	8,7	7,0	6,9	-18,5%	-1,6%	-25,0%
Goias	4,6	4,9	4,7	5,3	5,3	5,7	8,1	7,6	8,4	8,7	7,5	64,6%	-14,1%	30,6%
Maranhão	1,8	2,1	1,9	2,5	2,6	3,5	3,8	3,4	3,8	4,2	4,2	130,0%	-0,3%	21,9%
Mato Grosso	6,4	4,9	6,6	5,9	6,3	5,3	5,7	6,4	5,7	7,0	7,3	13,9%	4,4%	37,7%
Mato Grosso do Sul	5,9	4,7	5,6	4,8	5,2	6,0	6,0	6,0	5,7	6,4	4,3	-27,1%	-32,5%	-28,2%
Minas Gerais	3,8	3,9	4,0	3,7	3,9	3,9	4,4	4,4	4,0	3,8	3,9	1,8%	3,3%	-0,9%
Pará	3,5	3,9	4,0	4,6	4,8	6,0	4,8	5,9	5,8	6,2	6,4	81,8%	3,6%	6,2%
Paraíba	3,3	3,3	3,6	4,5	5,0	6,0	6,9	6,7	6,1	5,7	5,3	61,2%	-6,8%	-10,9%
Paraná	4,6	4,7	4,5	5,6	6,0	6,1	5,1	5,7	5,0	5,0	4,3	-6,3%	-14,3%	-30,2%
Pernambuco	6,4	6,9	6,4	6,5	6,5	5,3	5,5	4,5	5,3	4,9	4,8	-25,3%	-3,0%	-9,4%
Piauí	2,5	2,0	2,2	2,4	1,9	2,5	2,0	2,8	2,9	3,8	4,1	62,4%	7,4%	65,6%
Rio de Janeiro	6,2	6,1	5,0	4,4	4,1	4,0	4,2	4,3	4,4	5,3	4,4	-28,8%	-16,7%	11,3%
Rio Grande do Norte	2,6	2,6	2,6	3,6	3,5	4,2	4,4	3,8	5,2	5,7	5,1	95,5%	-11,0%	20,7%
Rio Grande do Sul	3,8	2,9	3,5	3,9	4,0	4,0	3,5	4,3	3,6	4,3	4,9	28,6%	13,9%	22,1%
Rondônia	6,3	6,6	3,5	4,8	6,2	4,4	5,7	6,1	6,1	6,4	7,2	14,1%	11,8%	61,3%
Roraima	5,6	6,4	8,9	7,1	10,6	4,8	4,3	7,1	14,8	9,5	11,4	103,8%	20,0%	139,3%
Santa Catarina	2,2	3,0	2,3	2,7	2,9	3,4	2,3	3,1	3,0	3,2	2,8	25,3%	-12,7%	-18,1%
São Paulo	3,7	3,7	2,8	3,1	3,1	3,1	2,6	2,8	2,7	2,7	2,4	-35,4%	-9,9%	-22,3%
Sergipe	2,8	3,9	3,2	2,8	3,3	3,9	5,4	5,5	5,0	6,5	6,0	117,4%	-7,7%	53,9%
Tocantins	3,3	3,3	4,1	3,1	4,5	4,8	6,8	6,6	5,3	4,7	6,4	95,4%	37,5%	32,4%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea.

Apesar de não ser o estado mais violento do país, a capital do Espírito Santo, Vitória, é a que lidera o número de assassinato de mulheres. De acordo com os dados do Mapa da Violência Contra a Mulher de 2015, na cidade capixaba há uma média alarmante de 11,8 mortes a cada 100 mil mulheres, enquanto a média nacional é de 5,5.

No mapa da Violência de 2015, Vitória aparece com taxas acima da média nacional

Taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), por capital e região. Brasil. 2003/2013

Capital/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ% 2003/13	Δ% 2006/13
Belém	3,7	3,6	4,1	4,0	2,0	5,1	4,1	4,9	4,5	6,5	5,6	52,2	40,4
Boa Vista	3,6	2,6	4,1	2,4	5,7	4,8	9,5	5,6	3,4	5,3	9,1	152,5	280,3
Macapá	6,8	6,0	6,6	5,3	4,1	3,8	3,7	6,4	3,9	3,3	6,5	-4,8	21,4
Manaus	3,6	4,4	4,5	3,7	4,3	5,2	5,1	5,2	5,9	7,6	6,5	81,9	75,9
Palmas	3,5	3,3	1,0	0,9	0,8	3,1	5,0	1,7	8,4	5,7	9,5	173,2	951,6
Porto Velho	7,9	7,7	8,0	8,9	4,1	5,2	11,8	6,2	9,3	8,7	9,5	20,3	6,7
Rio Branco	8,5	4,9	3,8	9,3	7,8	7,1	7,6	6,4	5,1	6,7	8,8	3,2	-5,5
Norte	4,5	4,4	4,6	4,5	3,7	5,1	5,6	5,2	5,5	6,7	7,0	53,7	54,0
Aracaju	7,0	4,6	5,7	5,2	5,5	3,1	5,8	5,9	7,1	7,6	6,6	-6,6	26,5
Fortaleza	4,0	3,9	4,4	5,1	3,9	3,9	3,6	5,8	6,2	7,1	10,4	158,9	104,8
João Pessoa	3,9	4,7	7,7	5,6	6,1	6,5	8,9	12,4	11,3	12,9	10,5	169,9	87,5
Maceió	5,3	6,1	6,3	9,7	6,8	8,4	8,9	11,9	12,2	10,3	10,7	100,5	11,2
Natal	2,0	0,2	2,4	3,8	3,1	3,5	4,7	6,3	5,4	4,2	6,6	228,0	73,9
Recife	9,1	12,4	10,8	10,2	11,4	11,8	10,8	7,6	8,2	6,1	5,5	-39,8	-46,6
Salvador	2,8	3,2	4,9	5,2	6,0	6,3	6,2	8,3	9,3	9,1	7,9	181,4	53,4
São Luís	4,7	3,8	3,5	3,4	1,8	4,2	3,9	6,3	4,9	4,0	7,3	56,8	116,5
Teresina	3,3	2,7	4,1	3,8	3,2	4,7	3,3	3,2	2,3	5,9	5,4	65,1	43,2
Nordeste	4,5	4,8	5,5	5,9	5,5	6,1	6,1	7,4	7,6	7,5	8,1	79,3	38,4
Belo Horizonte	8,2	9,3	7,3	8,1	7,4	6,0	6,5	6,2	8,0	8,5	5,9	-27,6	-26,2
Rio de Janeiro	6,0	6,7	5,0	6,1	3,7	4,1	4,7	3,9	3,9	3,6	3,4	-44,1	-45,2
São Paulo	7,2	5,5	4,2	4,4	2,9	3,1	2,8	2,8	2,0	2,6	2,8	-61,5	-36,8
Vitória	10,0	13,0	19,9	14,9	10,6	12,5	8,9	13,2	10,3	10,2	11,8	17,8	-21,0
Sudeste	7,0	6,5	5,1	5,5	3,8	3,9	3,9	3,7	3,5	3,7	3,5	-50,3	-37,3
Curitiba	5,7	5,4	5,6	5,5	5,5	7,9	9,0	10,4	6,3	7,4	6,2	7,8	13,1
Florianópolis	2,1	6,2	3,9	1,9	1,4	3,9	3,8	3,2	3,2	3,6	4,0	88,4	107,5
Porto Alegre	4,2	5,9	5,9	5,0	6,5	7,1	6,0	6,6	5,3	6,8	4,2	0,7	-15,1
Sul	4,7	5,7	5,5	4,9	5,4	7,1	7,3	8,0	5,5	6,7	5,1	9,1	5,5
Brasília	6,6	5,1	4,7	4,4	5,3	5,4	6,2	5,8	6,1	5,6	5,6	-14,2	27,3
Campo Grande	4,1	3,0	4,9	3,8	5,7	3,1	3,6	5,4	6,1	3,6	5,0	20,9	31,1
Cuiabá	8,4	9,1	6,2	3,6	5,9	8,5	7,0	3,5	5,6	10,4	6,6	-22,4	82,5
Goiânia	6,3	3,9	3,8	6,9	5,1	7,1	6,5	6,8	11,5	10,2	9,6	52,0	39,8
Centro-Oeste	6,3	4,9	4,7	4,9	5,4	5,8	6,0	5,8	7,4	7,0	6,6	4,6	36,6
BRASIL	5,9	5,6	5,1	5,4	4,5	5,1	5,2	5,4	5,3	5,6	5,5	-5,8	2,6

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

Os casos de violência contra a mulher se tornaram, então, uma problemática social preocupante no Espírito Santo. Nesse contexto, episódios de violência estampam diariamente as manchetes do jornal do estado, que acabam tratando este tema de maneira naturalizada, por ser uma questão habitual na realidade capixaba.

## A COBERTURA MIDIÁTICA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: APONTAMENTOS

A violência contra a mulher é uma problemática social que tem sido pauta da agenda midiática recentemente. Casos de feminicídio, agressões e abusos têm, hoje, repercussão expressivamente maior do que casos semelhantes tinham há uma década. Entretanto, a maior exposição desses casos não significa que haja uma melhora no debate a respeito do tema. As

notícias a respeito de casos de violência contra a mulher são quase sempre factuais e trabalham apenas com a exposição do ocorrido, sem problematizar ou estimular um debate acerca do tema.

Há, ainda, uma priorização pelo noticiamento de ocorrências no âmbito da violência física, excluindo os outros tipos de violência das vistas de grande parte da população que consome essas informações. Outra falha do processo de noticiamento do tema é o próprio tratamento dado aos fatos, existe uma tendência em usar o perfil da vítima para estabelecer o modo a se tratar o caso. É diferente o tratamento dado a mulheres brancas e não brancas ou o tratamento dado a mulheres pobres e ricas.

Para comprovar esse argumento basta analisar a cobertura do “caso Eloá”. Uma menina de 15 anos é sequestrada pelo ex-namorado, Lindemberg Alves de 22 anos e, juntamente com a melhor amiga, é mantida refém em seu próprio apartamento num conjunto habitacional. Os veículos midiáticos utilizaram-se da situação para aumentar a audiência recorrendo de meios invasivos e perigosos para as vítimas. Programas de TV ligaram para Eloá e Lindemberg e transmitiram a conversa ao vivo, outros instalaram-se nos apartamentos do prédio em que ocorreu o sequestro para registrar todos os momentos, fazendo do caso uma espetacularização (DEBORD, 1997).

A cobertura midiática voltada à espetacularização da tragédia fez com que o sequestrador soubesse de todos os passos e estratégias policiais por meio do aparelho de televisão que havia no apartamento. Como é apontado no documentário “Quem matou Eloá?” (2015), a imagem de Lindemberg foi construída através do ideal romântico do bom moço apaixonado que faria de tudo para reconquistar sua amada, já Eloá era tida como uma mulher teimosa que deveria perdoar o ex-namorado e reatar o relacionamento. O foco da mídia não era Eloá, mas sim Lindemberg. Nesse ponto cabe um questionamento: quem era Eloá? Filha de um ex-policia militar e de uma recepcionista, não teve influência ou status suficiente para garantir uma cobertura midiática justa, menos cruel e invasiva.

O mesmo se deu no “caso Araceli”: em maio de 1973, em Vitória, a garota de 8 anos foi sequestrada, drogada, estuprada e assassinada num crime que permanece sem conclusão. O interessante do caso é que três suspeitos foram apontados - Dante de Barros Michelini (o Dantinho), Dante de Brito Michelini (pai de Dantinho) e Paulo Constanteen Helal, todos membros de famílias tradicionais e influentes do Espírito Santo. A cobertura midiática se deu mais no sentido de proteção aos acusados do que à própria vítima, manchetes como “Paulo Helal acha caso Araceli ‘monstruoso’” e “Cap. Araújo inocenta Michelini e Helal”

exemplificam a tentativa de inocentar os suspeitos, que eram membros de famílias ricas e influentes no estado, ao contrário de Araceli, moradora de um bairro humilde e filha de imigrantes.

Manchetes da mídia local em tentativa de inocentar os suspeitos do caso Araceli



Em 2014, a jovem de 18 anos Bárbara Richardelle foi morta pelo namorado, Christian Cunha, em Vila Velha, também no Espírito Santo. A crueldade do assassino, que fez um lanche ao lado do corpo da vítima, chocou a opinião pública. Segundo Christian, os dois haviam se desentendido devido ao vazamento de fotos sensuais de Bárbara. Os veículos midiáticos deram enfoque à situação das fotos como justificativa do crime. Numa notícia exibida pelo jornal local ESTV, da TV Gazeta, afirma-se que após discussão a jovem teria ficado transtornada, o que teria enfurecido Christian, é possível fazer uma análise do tratamento dado à mulher por parte da mídia. “Transtornada”, “histérica” e “louca” são adjetivos comuns para descrever e desacreditar a condição feminina.

A modelo Luiza Brunet também foi vítima de agressão por parte do marido, entretanto, ao contrário da cobertura dada aos outros casos já exemplificados, a posição midiática foi positiva. A agressão física sofrida pela modelo teve destaque nos principais noticiários do país, a repercussão foi tanta que o agressor teve as denúncias aceitas pela justiça e foi julgado.



Manchetes dos jornais online *Correio Braziliense* e *Extra* sobre o caso Luiza Brunet



O tratamento e desfecho distintos dos casos é intrigante. Seria o status social imprescindível para a condução dos casos, não apenas por parte da polícia, como também por parte da mídia?

Ainda há muito o que fazer no sentido da construção de noticiamento do tema, a retratação e construção dos perfis de vítima e criminoso é extremamente problemática, pois geralmente exalta a figura da mulher da forma mais pejorativa possível, ajudando a construir e reforçar estereótipos. Na falta de uma produção midiática efetiva, diversas mulheres têm feito trabalhos independentes a fim de debater e causar reflexão a respeito da violência contra a mulher. A arte urbana é uma das formas encontradas por elas, uma vez que por ser feita nas ruas, é mais acessível e tem um valor de assentimento considerável.

## ARTISTAS CAPIXABAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

Neste artigo, a cidade de Vitória é objeto de estudo dada sua relevância não apenas como a capital brasileira com maior taxa de feminicídios, mas também como palco urbano de debate e enfrentamento por artistas femininas em um contexto de violência e opressão patriarcal.

A ideia de estudar as artes de rua deu-se após um trabalho acadêmico intitulado “Espalhando Feminismo”, que foi realizado pela colagem de cartazes com frases relacionadas às temáticas femininas e feministas em diversos pontos da cidade. Foram observadas as mais diferentes reações durante e após essa colagem, tanto positivas quanto

negativas. O importante foi perceber que é possível causar impacto direto na população por meio desse tipo de trabalho.

A expressão e ocupação feminina no espaço urbano já se configura como ato transgressor pois historicamente é um local negado à mulher, cujas ações e práticas restringiam-se, em geral, ao espaço privado. Alecsandro JP Ratts, explica “[...] os espaços privados e públicos são vividos diferencial e desigualmente por homens e mulheres, qualificando uns de masculinos e outros de femininos, e por negros e brancos” (RATTS, 2003, p. 1).

O silenciamento feminino sempre esteve presente nas práticas da sociedade capixaba conservadora. Pichações, grafites, peças de teatro itinerantes, intervenções artísticas de modo geral são promovidas por mulheres e estampam as ruas do centro da cidade trazendo à tona uma reflexão urgente a respeito do tema. Neste palco urbano, algumas das protagonistas que enfrentam a violência contra mulher no cenário da capital são as artistas Thiara Pagani, Amanda Brommonschenkel e Kika Carvalho.

Thiara Pagani é estudante da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e membro da Confraria de Teatro, grupo capixaba formado por mulheres que desenvolve pesquisa sobre novos espaços teatrais, processo colaborativo e dramaturgia de espaço.

Cenas da peça itinerante “Todas as ruas têm nome de homem”



Seu enfrentamento à violência contra mulher também está presente nos pichos espalhados pelas ruas do centro da cidade. “Sozinha uma mulher negra”, traz para a discussão a questão de gênero e raça.

Pichação de Thiara Pagani, traz a reflexão sobre a opressão sofrida por mulheres negras



Amanda Bommonschenkel é artista visual e agente cultural, graduada em Comunicação Social e graduanda em Artes Visuais pela Ufes, compõe o Coletivo Comigo Ninguém Pode e o Coletivo DasMina, também produziu o FEME (Festival Mulheres no Grafite), o FMHH (Festival Mulheres no Hip Hop) e o Festival “Lugar de Mulher é Onde Ela Quiser” junto ao Fórum de Mulheres do Espírito Santo (maio/2015).

A artista Amanda Brommonschenkel em mural pintado na comunidade do Itararé com os dizeres “Grande Vitória junta no combate à violência contra a mulher”



Kika Carvalho é estudante de Artes Visuais pela Ufes, grafiteira e componente do Coletivo DasMina, Coletivo Femenina e Coletivo Anarcasfeministas. Alguns dos trabalhos de Kika são o “Divino” (2013), “Desejo proibido” (2015), “Meta a colher” (2016) e o Bode Expiatório (2017).

“Divino” faz parte de outro projeto, o “Prazer, eu sou seu Espírito Santo” que foi iniciado em 2013. A proposta de Kika é trazer à tona os altos índices de feminicídio no estado. Sua arte foi feita através de intervenções urbanas com a técnica dos lamb-lamb e também pelas redes sociais (<https://www.facebook.com/eusouoespiritosanto/>).

Lambe *Divino*, na Rua do Rosário, Vitória, ES



“Desejo Proibido” é uma intervenção artística que veio também do projeto “Prazer, eu sou o seu Espírito Santo” e questiona a relação de sexualidade/prazer feminino como pecado.

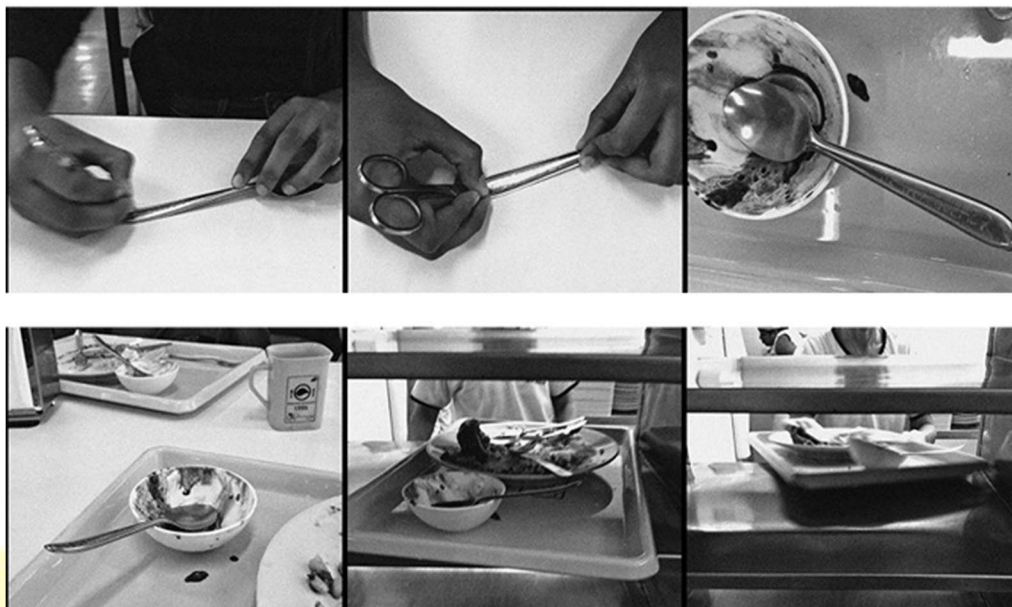
“Desejo Proibido” na Av. Beira Mar, Centro, Vitória/ES



“Meta a colher” foi uma arte realizada em algumas colheres do restaurante universitário da Ufes. Kika inseriu a frase “meta a colher” com a proposta de levantar o

debate sobre violência doméstica e feminicídio, de forma a negar o dito popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Antes de iniciar a refeição, ocorre a intervenção no cabo do objeto e ao final da refeição, a colher retorna ao uso do restaurante. Sua meta é atingir 50 colheres.

Meta a colher, intervenção em colheres do restaurante universitário da Ufes, 2016



O *Bode Expiatório* foi um trabalho que utilizou a xilogravura sobre jornal impresso, fazendo uma sobreposição de notícias, levantando informações e discussões além da circulação da grande mídia.

Bode Expiatório, xilogravura, 30x40cm, 2017



Nas frases escritas nos muros, nos cartazes e lambes colados pelos postes e por entre as falas das artistas de teatro são abordadas questões que permeiam o cenário urbano de Vitória e a violência contra a mulher nesse espaço: a questão racial, o assédio, a violência física, doméstica, sexual e o machismo. Um elemento que se agrega ao trabalho das artistas é o fato de se tratarem de projetos feitos por mulheres e para mulheres, focados no combate à violência contra a mulher por meio do discurso. Thiara Pagani, Kika Carvalho e Amanda Bommonschenkel são exemplo de que as mulheres capixabas estão em luta e enfrentam, dia após dia, a violência contra mulher.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liderança no triste e alarmante ranking nacional das capitais do Brasil no número de assassinato de mulheres faz de Vitória, no Espírito Santo, uma cidade perigosa para ser mulher. Isso, por si só, já é uma justificativa para tratarmos do tema da violência contra a mulher no estado em que vivemos como objeto de pesquisa. Além disso, preocupa-nos também, durante nossa formação e futuramente em nossa prática jornalística, a maneira pela qual o discurso da violência contra a mulher tem sido construído — é comum, nas matérias, tanto a espetacularização da abordagem quanto a culpabilização da mulher pela violência sofrida.

Nesse cenário, encontramos nas artistas mulheres e em suas produções e reflexões, a construção de um outro discurso, na contramão da narrativa midiática e que propõe caminhos não somente criativos, do ponto de vista estético, mas também importantes e necessários, no sentido de propor o enfrentamento da violência contra a mulher de forma problematizadora.

Assim, acreditamos ser importante para a futura jornalista uma formação que nos incentive a abordar os temas, que certamente serão futuras pautas, de maneira reflexiva e não apenas descritiva, e que nos encoraje ao diálogo com outras áreas de conhecimento de produção de narrativa, como a das artes.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

RATTS, A. J. P. **Gênero, raça e espaço**: trajetórias de mulheres negras. 27º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Anais. Caxambu: ANPOCS, 2003.

MONTERO GARCÍA-CELAY, M<sup>a</sup> Luisa, NIETO NAVARRO, Mariano. **El patriarcado**: una estructura invisible. Julho de 2002. 11 páginas. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/88485809/El-Patriarcado-Estructura-Invisible>>. Acesso em: 23/06/2017.

**Atlas da Violência 2017**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BzuqMfbpwX4wOGQtTmP1SWdXWmM/view>>. Acesso em: 06 de julho de 2017.

**Confraria de Teatro**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/confrariadeteatro/>>. Acesso em: 09 de julho de 2017.

**Kika Carvalho**. Disponível em: <<http://cargocollective.com/kikacarvalho/Sobre>>. Acesso em: 09 de julho de 2017.

**Mapa da Violência 2015**. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 04 de julho de 2017.

Filmografia:

**Caso Araceli**: a cobertura de Imprensa. Direção: Tatiana Beling. Vitória, 2005.

**Quem matou Eloá?** Direção: Lívia Peres, São Paulo, 2015.